

EUROPA, MÍDIA
E A GUERRA
NA UCRÂNIA:
“NOSSOS
REFUGIADOS SÃO
MELHORES QUE
OS OUTROS”

[ARTIGO]

Cláudio Abdo

Universidade do Minho

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo discute a cobertura midiática da guerra entre Rússia e Ucrânia e como um duplo padrão no jornalismo pode ser facilmente percebido. Foi utilizada a revisão narrativa como metodologia, proporcionando a percepção, do ponto de vista do autor, de uma situação referente ao conflito na Europa e de como os profissionais de comunicação tratam os refugiados ucranianos e que estão no continente europeu de forma diferente dos refugiados de outros países do Oriente Médio, Ásia e Norte da África. Publicações em jornais, portais de comunicação e vídeos referidos no texto mostram que a mídia utiliza um duplo padrão na cobertura da guerra na Ucrânia e que isso pode ter um impacto significativo na percepção que os cidadãos têm sobre o conflito e, conseqüentemente, na formação da opinião pública sobre o assunto.

Palavras-chave: Guerra na Europa. Refugiados. Crise migratória. Meios de comunicação. Duplo padrão.

This article looks at the media coverage of the Russian-Ukrainian war and how a double standard can easily be perceived in journalism. The narrative review was used as a methodology, providing the perception, from the author's point of view, of a situation around the conflict in Europe and of how communication professionals treat refugees from Ukraine and those who are in the European continent differently from refugees who are in countries of the Middle East, Asia, and North Africa. The publications in newspapers, news websites, and videos referred to in the text show that the media uses double standards in the coverage of the war in Ukraine and that this can have a significant impact on the perception that citizens have of the conflict and, consequently, in the formation of public opinion on the subject.

Keywords: War in Europe. Refugees. Migration Crisis. Media. Double standard.

Este artículo analiza la cobertura mediática de la guerra entre Rusia y Ucrania, y cómo se puede percibir fácilmente un doble rasero en el periodismo. El trabajo utiliza la revisión narrativa como metodología que aporta la percepción, desde el punto de vista del autor, de una situación en torno al conflicto en Europa y cómo los profesionales de la comunicación tratan de forma diferente a los refugiados ucranianos de los refugiados de otros países de Oriente Medio, de Asia y norte de África que también se encuentran en el continente europeo. Las publicaciones en diarios, portales de comunicación y vídeos a los que se hace referencia en el texto muestran que los medios utilizan un doble rasero en la cobertura de la guerra en Ucrania y que esto puede impactar significativamente en la percepción que los ciudadanos tienen del conflicto y, como consecuencia, la formación de la opinión pública sobre la materia.

Palabras clave: Guerra en Europa. Refugiados. Crisis migratoria. Medios de comunicación. Doble rasero.

Introdução

O ano de 2015 foi marcante para a Europa e para o mundo, pois foi quando aconteceu o maior afluxo de refugiados no continente desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A crise migratória, desencadeada pela chegada de milhões de refugiados principalmente do Oriente Médio e de países do Norte da África, foi capaz de colocar essa questão na agenda dos meios de comunicação de todo o mundo. Imagens como a do corpo do menino Alain Kurdi (SMITH, 2015), morto por afogamento e de bruços em uma praia da Turquia, estamparam as primeiras páginas dos jornais e abriram os principais telejornais, assim como as fotografias e filmagens de barcos lotados que viajavam pelo Mediterrâneo em direção à Europa, ou dos destroços que pairavam sobre as águas e chegavam em praias gregas, italianas e turcas.

Foi uma conexão imediata entre o sofrimento humano e os meios de comunicação, estes últimos comumente habituados com a exploração e divulgação de imagens de pessoas em desgraça. Novamente o termo “espetacularização das imagens”, amplamente estudado e divulgado, torna-se evidente, e revisitar a obra de Guy Debord (2003) se mostra relevante. Para Debord, o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada por imagens”. Ou seja, para ele, “[...] ao analisar o espetáculo, fala-se em certa medida a própria linguagem do espetacular, no sentido de que se pisa no terreno metodológico desta sociedade que se exprime no espetáculo”. Para finalizar, o mesmo autor ainda afirma que “[...] o mundo real se

converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 2003, p. 19). Tendo em conta o que diz Debord, os meios de comunicação encontram um campo fértil na crise migratória, nas guerras e em tantos outros acontecimentos cujo ser humano é usado para ilustrar as tragédias que moldam o curso da história do mundo.

Desse modo, a mídia passa a noticiar repetidamente a situação dos refugiados que tentam chegar à Europa, bem como difundir a ocasião trágica em que essas pessoas se encontram, intitulado, erroneamente, como “a crise dos refugiados” (CLARKE, 2015). E o erro está na difusão do conceito *refugiados*, que conflagram o momento, sendo que eles são o resultado e não a causa. A crise migratória na Europa, termo mais adequado, ganha forma e os atores políticos de todo o continente passam imediatamente a ser cobrados (CHRISAFIS, 2015) para que atitudes sejam tomadas.

Assim, de maneira morosa e burocrática, líderes europeus tentam encontrar, ainda hoje sem sucesso, uma solução simples e rápida para um problema complexo e perene. Enquanto países mais ao Norte da Europa se diziam receptivos (D’AGATA; VIGLIOTTI, 2015) aos refugiados, nações do Sul, especialmente a Grécia (DW, 2016), buscavam formas de barrar a chegada de imigrantes e refugiados. Denúncias surgiam em torno do afundamento proposital (ATKINSON, 2016) de botes infláveis lotados de refugiados que tentavam chegar à costa grega, países europeus correm contra o tempo para criar campos de refugiados (DUNN, 2015) capazes de

servir como contenção e até como forma de desencorajar que mais pessoas embarquem na perigosa viagem para a Europa.

Não sem tempo, um acordo com a Turquia (RANKIN, 2016) passou a vigorar deixando a questão humana para o fim e trazendo os interesses políticos e financeiros para o começo da lista de prioridades. Começa então uma “caçada” aos passadores, aos contrabandistas (JONES, 2015) que utilizam rotas para levar mais pessoas para a Europa a preços altos, isso quando os refugiados não pagam com a vida. Muros, cercas e barreiras são construídas (BACZYNSKA; LEDWITH, 2016) por todo o continente e a União Europeia passa então a se desunir. Os países que contam com mais chegadas de imigrantes e refugiados tentam fechar suas fronteiras, os que servem de passagem tentam bloqueá-los (KINGLSEY, 2015). Do outro lado, os países europeus mais distantes geograficamente acompanham a movimentação sem acreditar que aquela grande quantidade de pessoas em situação de guerra fosse chegar às suas divisas.

Anos depois, e ainda sem soluções viáveis em relação aos refugiados, a União Europeia vive um novo drama. Entretanto, dessa vez o problema é mais próximo e nasce da invasão da Rússia à Ucrânia no fim de fevereiro de 2022 provocando, novamente, uma crise migratória ao continente (BBC, 2022). Porém, pode-se afirmar que é uma situação bastante diferente e até com abordagens distintas pelo meios de comunicação e pelos países europeus.

Este artigo centra-se nessas abordagens em que a Europa, a mídia e a guerra na Ucrânia demonstram a possibilidade

de tratamento diversificado, de um duplo padrão, tanto dos meios de comunicação quanto da sociedade e dos políticos, no que diz respeito ao tratamento dispensado aos refugiados oriundos de países do Oriente Médio, da Ásia e do Norte da África com os ucranianos. Evidências demonstram que a abordagem feita pelos meios de comunicação em relação à guerra da Ucrânia sugere uma atenção diferenciada aos refugiados dependendo do país de origem e propõe-se um debate em torno do duplo padrão na cobertura jornalística. Sendo assim, partimos em busca da resposta para uma pergunta, em se tratando dos refugiados ucranianos e dos oriundos de países mais distantes e fora da Europa: “nossos refugiados são melhores que os outros?”.

Obviamente que o questionamento que guia este artigo encaixa-se no campo das perguntas retóricas cujo principal objetivo não é encontrar uma resposta, mas possibilitar que ocorra uma ponderação sobre um tema bastante delicado e que, muitas vezes, é tratado como tabu: a valoração da vida humana. A intenção é provocar um debate aprofundado em relação à maneira como indivíduos na condição de refugiados e de diferentes partes do mundo são retratados pelos meios de comunicação e como isso interfere na formação da opinião pública.

Por isso, esta breve análise visa acrescentar conhecimento sobre a maneira como os meios de comunicação atuam na percepção que os cidadãos têm em relação aos refugiados e a opção metodológica é utilizar a revisão narrativa para esse fim. Sabe-se que utilizar a revisão narrativa como método se mostra uma escolha adequada, pois, como referido anteriormente, a intenção é adicionar teorias e conhecimentos que delas

derivam e estão dentro do contexto específico (ROTHER, 2007). Nesse caso, a guerra na Ucrânia, conforme a cobertura tem sido feita pelos *media*, justifica-se assim a utilização de diversas notícias relacionadas ao conteúdo criado e divulgado pelos meios de comunicação, ademais, levantam-se as hipóteses sobre quais impactos esses conteúdos podem exercer na opinião pública e na forma como os refugiados são percebidos por cidadãos e autoridades políticas.

A Europa, a mídia e a guerra na Ucrânia

Diferentemente do que ocorreu na crise migratória de 2015, cuja União Europeia e os países do bloco entraram em desacordos frontais em termos de recebimento de refugiados das nações mais afetadas, sobretudo, a Síria e países do Norte da África, com a guerra da Ucrânia isso inicialmente não acontece. O movimento parece ser o contrário, pois o que se percebe é uma maior agilidade em tratar do grave tema e resolvê-lo de maneira eficiente e rápida. Poucos ou nenhuns países europeus divergem do tratamento privilegiado que os cidadãos ucranianos merecem e tão pouco criticam os altos valores financeiros destinados a esse fim.

Em relação à cobertura da guerra entre a Rússia e a Ucrânia pelos meios de comunicação é a mesma situação. Ela se mostra diferente da que foi realizada em países como a Síria e o Afeganistão, por exemplo. Muito mais humanizados, os cidadãos ucranianos falam nas entrevistas, ganham voz e contam com tratamento diferenciado.

Vários vídeos feitos no início da guerra na Ucrânia mostram âncoras e jornalistas internacionais, na condição de correspondentes de guerra, visivelmente emocionados e não conseguindo acreditar que pessoas “tão semelhantes” estavam em uma situação de conflito. Traremos para uma breve discussão, neste texto, as falas de jornalistas, retiradas de excertos de vídeos veiculados em grandes meios de comunicação pelo mundo que foram compilados (NOWTHIS NEWS, 2022), matérias e textos publicados na internet onde profissionais da comunicação falam que a situação na Ucrânia não pode ser comparada com o que acontece em países como o Afeganistão ou o Iraque.

Diferentes jornalistas falam sobre a situação na Ucrânia e o portal NowThis News (2022) publicou, em seu canal do YouTube, um vídeo com uma compilação que impressiona os mais desavisados. Charlie D’Agata, um jornalista que atua como correspondente internacional sênior da emissora norte-americana CBS News, diz durante uma transmissão ao vivo em relação à Ucrânia: “com todo o respeito, não é um lugar como o Iraque ou o Afeganistão, que tem visto o conflito violento há décadas. Esta é uma cidade relativamente civilizada (referindo-se à capital Kiev), relativamente europeia – eu tenho que escolher essas palavras com cuidado também, onde você não esperaria isso ou esperaria que isso acontecesse”.

A jornalista Lucy Watson, correspondente internacional da ITV News, uma rede de televisão britânica, disse: “Agora o impensável aconteceu com eles. E isso não é uma nação em desenvolvimento do Terceiro Mundo. Esta é a Europa”. Peter Dobbie, âncora do jornal em inglês do canal

Al Jazeera, afirmou, ao conversar com outro jornalista ao vivo, que “enquanto você fala conosco, Matthew, estamos vendo as últimas fotos de alguns dos refugiados tentando entrar em trens ou tentando sair da Ucrânia”. Dobbie continua e afirma: “E o que chama a atenção é só de olhar para eles, do jeito que estão vestidos, eles são prósperos – detesto usar a expressão – são pessoas prósperas, de classe média”. O âncora da Al Jazeera termina falando que “estes não são obviamente refugiados tentando fugir de áreas do Oriente Médio que ainda estão em grande estado de guerra. Estas não são pessoas tentando fugir de áreas no Norte da África. Eles se parecem com qualquer família europeia que você moraria ao lado”.

Outra jornalista, Kelly Cobiella, correspondente da NBC News, uma rede de televisão com sede nos Estados Unidos, entra ao vivo de uma cidade da Polônia e diz: “Estes não são refugiados da Síria. Estes são refugiados da vizinha Ucrânia. Quero dizer, isso, francamente, é parte disso. Estes são cristãos. Eles são brancos”. Já David Sakvarelidze, ex-vice-procurador-geral da Ucrânia, em uma intervenção ao vivo na BBC, disse: “É muito emocionante para mim porque vejo europeus com olhos azuis e cabelos loiros sendo mortos, crianças sendo mortas todos os dias com o míssil de Putin”. Já o comentarista Philippe Corbé, do canal francês BFM TV, afirmou: “Não estamos falando aqui de sírios fugindo do bombardeio do regime sírio apoiado por Putin, estamos falando de europeus saindo em carros parecidos com os nossos para salvar suas vidas”.

E os exemplos não cessam. Daniel Hannan, um jornalista britânico, escreveu e publicou em 26 de fevereiro

de 2022 no jornal inglês The Telegraph um artigo intitulado “A monstruosa invasão de Vladimir Putin é um ataque à própria civilização” (HANNAN, 2022). Logo no primeiro parágrafo da publicação, Hannan diz:

Eles se parecem tanto conosco. É isso que o torna tão chocante. A Ucrânia é um país europeu. Seu povo assiste à Netflix e tem contas no Instagram, vota em eleições livres e lê jornais sem censura. A guerra não é mais algo que atinge populações empobrecidas e remotas. Isso pode acontecer a qualquer um. (HANNAN, 2022)

Porém, as falas dos jornalistas não passaram sem ser notadas, contudo foram notadas por também jornalistas. De pronto, a AMEJA, The Arab and Middle Eastern Journalists Association, emitiu uma nota de repúdio (AMEJA, 2022) no final do mês de fevereiro de 2022. A associação “[...] pede que todas as organizações de notícias estejam atentas ao viés implícito e explícito em sua cobertura da guerra na Ucrânia. Nos últimos dias, rastreamos exemplos de cobertura de notícias racistas que atribuem mais importância a algumas vítimas da guerra do que a outras”. Ainda de acordo com a nota, “a AMEJA condena e rejeita categoricamente as implicações orientalistas e racistas de que qualquer população ou país seja “incivilizado” ou tenha fatores econômicos que o tornem digno de conflito”.

Para a AMEJA, “esse tipo de comentário reflete a mentalidade difundida no jornalismo ocidental de normalizar a tragédia em partes do mundo, como Oriente Médio, África, Sul da Ásia e América Latina. Desumaniza e torna sua experiência com a guerra algo normal e esperada”.

Para a associação, “as redações não devem fazer comparações que pesem o significado ou impliquem justificativa de um conflito em detrimento de outro – baixas civis e deslocamentos em outros países são tão abomináveis quanto na Ucrânia”.

É fato que, além das falas dos jornalistas que foram referidas e que sinalizam uma discriminação em relação aos “outros refugiados”, os do Oriente Médio, Ásia e Norte da África, a agilidade em torno da crise migratória na Ucrânia por parte da liderança política da Europa é evidente. Bilhões de euros (EUROPEAN COMMISSION, 2022) foram liberados velozmente para o acolhimento de refugiados de guerra vindos do país do leste europeu, assim como houve um esforço do poder público e de empresas privadas (THE BRUSSELS TIMES, 2022) em tornar o percurso até um país de destino e a vida dos recém-chegados ucranianos mais fácil. Cidades em diversos países europeus tornaram tudo mais acessível e, em se tratando dos “outros refugiados”, a situação é muito diferente.

A Suíça, que conta com uma política migratória rígida e por vezes hostil em relação aos imigrantes, principalmente vindos dos países terceiros (de fora da União Europeia e da Europa em geral), fez questão de publicitar que estava receptiva aos refugiados ucranianos (swissinfo, 2022). Em outros países as políticas migratórias foram relaxadas para que os cidadãos da Ucrânia pudessem encontrar um local mais acolhedor e, na Lituânia (SCHENGENVISAINFO, 2022a), por exemplo, até a questão do idioma não foi considerado um problema para que os refugiados ucranianos pudessem começar a trabalhar o quanto antes. Na Alemanha

foram as formações educacionais e a necessidade de apresentar certificado de conclusão escolar (SCHENGENVISAINFO, 2022b) que foram deixadas de lado e tudo aquilo que, à primeira vista, é visto como um problema de natureza grave e de difícil resolução para os outros imigrantes e refugiados que chegam aos mesmos países referidos, no caso dos cidadãos da Ucrânia, foi facilitado.

Um outro exemplo do duplo padrão nas medidas adotadas em relação aos refugiados ucranianos em detrimentos dos provenientes de outros países de fora da Europa é o caso da Noruega (SCHENGENVISAINFO, 2022c). O país nórdico passou a reconhecer a carteira de motorista de refugiados ucranianos por um ano, algo que normalmente não ocorre com outros imigrantes e refugiados. Outro país do Norte da Europa que também adotou medidas para facilitar a vida dos recém-chegados da Ucrânia foi a Finlândia, que permite (SCHENGENVISAINFO, 2022d), desde o começo de abril de 2022, aos refugiados ucranianos o direito de trabalhar imediatamente, após solicitar proteção temporária.

E para mostrar o contraponto sobre como os refugiados de países do Oriente Médio são tratados de forma diferenciada, a Alemanha, no final de abril de 2022, decidiu expulsar refugiados afegãos (SCHENGENVISAINFO, 2022e) que estavam em centros de acomodação no país para que os ucranianos pudessem ser alojados. No início do mês de maio de 2022, a Alemanha também anunciou que está planejando limitar a quantidade de admissões para refugiados do Afeganistão (SCHENGENVISAINFO, 2022f), ao mesmo tempo em que a Bélgica anunciava medidas

para facilitar o acesso a serviços bancários para refugiados ucranianos e outras medidas sociais, conforme no trecho: “a Comissão Europeia anunciou que os refugiados ucranianos reinstalados na Bélgica e com proteção temporária têm acesso ao mercado de trabalho e a vários benefícios sociais” (SCHENGENVISAINFO, 2022g).

Breve abordagem à Psicologia Social

Contudo, a discussão pretendida neste artigo não é questionar que tais facilidades sejam colocadas em prática para os cidadãos ucranianos que fogem dos bombardeios em seu país de origem, mas argumentar os motivos que fazem com que “uns refugiados” sejam “melhores tratados que outros” no país de destino ou na Europa como um todo. Além disso, é importante refletir como o duplo padrão nos meios de comunicação se tornou evidente com a cobertura da guerra na Ucrânia. Aqui, faz-se necessário uma breve abordagem à Psicologia Social e uma visita, ainda que pouco aprofundada, aos autores que tratam do tema sob o viés psicológico.

As características do grupo numa pessoa, no seu conjunto (tais como o estatuto, riqueza ou pobreza, cor da pele ou capacidade para atingir os seus fins) atingem todo o seu significado quando relacionadas com a percepção das diferenças em relação a outros grupos e à conotação de valor destas diferenças. (TAJFEL, 1981, p. 293-294).

Para que existam “os daqui” e os “de lá”, é premente visitarmos a definição do

conceito de grupo, pois ela se mostra essencial para a abordagem em relação à percepção de grupo. De acordo com Tajfel (1972, p. 295), “a definição de grupo (nacional, racial ou qualquer outro) só faz sentido em relação a outros grupos”. Entretanto, é necessário se ater ao fato de que a participação de um sujeito em grupos o obriga a ter habilidades em filtrar mensagens e informações que deles advêm e que, na maioria das vezes, são abundantes. Por isso, além de compreender a definição de grupo, é preciso considerar o funcionamento dos processos de influência social.

E uma das características mais evidentes no processo de influência social é quando uma pessoa muda o seu comportamento por ter a presença, real ou imaginada, de outros membros do grupo ou sociedade a que pertence. Para Garcia-Marques, Ferreira e Garrido (2013), ainda que uma das mais importantes conquistas das sociedades democráticas e livres seja a da liberdade individual, isso não descarta a hipótese de que, quando uma pessoa livre faz uma escolha, ela a realize com que outras pessoas a estejam influenciando.

Aqui trazemos para o debate a teoria de Festinger (1954), que mostra que a opinião das outras pessoas é importante para o indivíduo que analisa, assim como a qualidade da opinião, pois é quando ele vai comparar durante algum acontecimento que envolva o seu grupo. Festinger (1954) ainda consegue demonstrar, por meio de seus estudos que, quando as comparações são feitas com pessoas semelhantes, elas costumam ser mais acertadas e, não só, o autor apresenta evidências de que, num contexto de grupo, as opiniões divergentes são pressionadas para que sejam atenuadas.

Leyens e Yzerbyt (1999) ratificam a teoria de Festinger ao afirmarem, em relação à influência social, que “[...] para definir o que é a realidade, não nos baseamos apenas na nossa experiência íntima mas confiamos muito nos outros”. Ou seja, o que os outros dizem é importante e os autores complementam dizendo que “somos sensíveis ao ponto de vista dos outros porque eles vivem no mesmo mundo que nós” e que “[...] cada vez que estamos em desacordo com os que nos rodeiam, ficamos numa posição difícil” (LEYENS; YZERBYT, 1999, p. 165-166).

E o interessante é que, ainda que de forma diferente mas consistente, pessoas que pertencem a um grupo agem, segundo Tajfel (1981), de maneira a beneficiar outros indivíduos do mesmo grupo, ainda que estes sejam desconhecidos. No caso dos refugiados ucranianos isso fica evidente e pode-se afirmar que as pessoas vão sempre transitar entre uma conduta individual ou grupal conforme sua necessidade ou conjuntura social em que estão inseridas. E perceber os cidadãos da Ucrânia como europeus, ou seja, do mesmo grupo, requer que eles cumpram alguns requisitos que servem de ponto de contato entre o país de origem e o de destino dentro da Europa. Seja a cor da pele, dos olhos, a religião ou até a proximidade geográfica. Todos esses fatores são decisivos no momento em que uma pessoa, sociedade ou país opta por receber de braços abertos uns em detrimento de outros que não cumprem tais requisitos e são vistos e interpretados como “estranhos”. Da roupa ao idioma, da cultura e religião à cor da pele.

Primeiro, sugere-se que, quando lidamos com indivíduos em termos de participação em grupos, normalmente tratamos

como se fossem mais parecidos com algumas pessoas (membros do mesmo grupo) e diferentes dos outros (membros de grupos diferentes) do que realmente são. Segundo, propõe-se que a percepção baseada em grupo está contaminando por valores discriminatórios – tendemos a acreditar que os grupos aos quais pertencemos são melhores do que aqueles aos quais não pertencemos. E esses estereótipos foram caracterizados como, na melhor das hipóteses, um processo de simplificação que serve para tornar a realidade gerenciável e, na pior das hipóteses, um veículo patológico de preconceito e maus-tratos. (Oakes; Haslam; Turner, 1994, p.2).

Quando o foco são os imigrantes e as migrações, servem os estereótipos como um filtro social relevante. Isso porque chegar em uma nova cultura em um país distante da terra em se vivia é naturalmente complicado, porém os imigrantes ainda são confrontados com os estereótipos, sem contar na maneira como os imigrantes são categorizados em seus grupos sociais e tratados como diferentes pelos locais. Aqui se percebe a necessidade premente de se levantar questões de preconceito em relação aos imigrantes e refugiados, especialmente os que chegam de uma realidade bastante diferente em termos culturais e passam, tão logo desembarcam no país de destino, a ter que enfrentar, além do “novo”, os estereótipos que, muitas vezes, resultam em atributos pejorativos e que podem fomentar situações de xenofobia, de preconceito, violência e exclusão.

Segundo Santoro (2014, p. 20-21), “é esta estereotipização negativa dos estrangeiros que define a imigração como “fato

social”, enquanto distinta do fenômeno demográfico, estatístico, econômico, etc.”. Para o autor, “[...] o modo pelo qual as “práticas” sociais e culturais, isto é, os mecanismos retóricos, simbólicos, midiáticos, definem como um fato único uma realidade tão variada, ambígua e socialmente indeterminada e indeterminável [...]”. Ele finaliza dizendo que “o fenômeno da imigração é um emaranhado indissociável de microeventos e de fenômenos com frequência incontroláveis que vem montado pela opinião pública em um único fato social “evidente” e claro nos seus contornos minuciosos” (SANTORO, 2014, p. 20-21). Necessário dizer que, no caso dos refugiados ucranianos, os meios de comunicação se encarregaram de trabalhar para que os estereótipos fossem amenizados e os pontos de contato e semelhanças fossem, via de regra, exaltados. Aqui surge um outro debate importante em torno da guerra na Ucrânia e a cobertura feita pelos *media*, o duplo padrão.

Duplo padrão dos meios de comunicação

A identificação e percepção de um duplo padrão nos meios de comunicação, especialmente no jornalismo e na geração e publicação de notícias, não é algo novo, porém é recorrente. Foi perceptível nos últimos anos nas coberturas de ataques terroristas no Ocidente realizados por muçulmanos e não muçulmanos (ELMASRY; EL-NAWAWY, 2020) e justificado, em partes, pela proximidade cultural que impacta, diretamente, no interesse do público pela notícia. “Parece que quanto

mais afastada culturalmente uma vítima, mais horríveis as fotografias podem ser e os relatos escritos menos detalhados [...]” e que “[...] quanto mais o público se identificava com as vítimas, mais interesse era demonstrado pela história – o chamado efeito ‘poderia ter acontecido comigo’” (HANUSCH, 2008, p. 343-344).

E as coberturas jornalísticas da guerra na Ucrânia, de modo geral, apelam justamente para a “proximidade cultural”, para os pontos de contato entre a cultura ucraniana e seu povo com a Europa e o Ocidente em geral. Por isso, sem muita surpresa, é que jornalistas e profissionais de comunicação apelam, no discurso e nas imagens, desde o começo do conflito com a Rússia, por indicadores socioculturais que demonstram justamente para uma contiguidade entre a Ucrânia e os restantes países europeus e a Europa. Algo que em outras guerras, como a da Síria, não acontecia.

Em termos de cobertura jornalística de guerras por parte da mídia ocidental e de seu duplo padrão, o trabalho de Elmasry e El-Nawawy (2020) é detalhado e faz uma viagem no tempo com a questão sendo abordada nos meios de comunicação de diversos países em conflitos dos mais diferentes tipos. Isso ajuda a construir o caminho para o entendimento da cobertura midiática dos jornais da Europa e de todo o Ocidente em torno do conflito entre a Rússia e a Ucrânia e o impacto que tais coberturas exercem na formação da opinião pública.

A sensibilização em relação ao tema, bem como o apelo por conta da proximidade, fizeram com que cidadãos de países europeus passassem, imediatamente,

a ter acesso a somente um lado da disputa. Isso se deu por conta de medidas da União Europeia que, com a desculpa de evitar a propagação de notícias falsas, bloqueou canais de notícias e meios de comunicação e informação russos logo nos primeiros dias do conflito (EUROPEAN COUNCIL, 2022). Segundo o portal do Conselho Europeu, a União Europeia (UE) “suspenderá urgentemente as atividades de transmissão do Sputnik’ e RT/Russia Today (RT inglês, RT UK, RT Alemanha, RT França e RT espanhol) na UE [...]”, pois, segundo o órgão, “[...] a Federação Russa e seus órgãos associados deixem de realizar ações de desinformação e manipulação de informações contra a UE e seus estados membros”.

Portanto, como medida contrária à Rússia e com a intenção de evitar que supostas disseminações de notícias e informações falsas circulassem na Europa, a União Europeia tomou uma medida como se fosse o órgão supremo de países cuja democracia não existe. Para combater a ditadura russa, membros do Conselho Europeu se comportam como ditadores, suprimindo as informações que, por ventura, possam advir da Rússia em relação ao conflito com a Ucrânia. Ora, se em uma guerra a verdade é a primeira que morre, não seria mais prudente e interessante ver e ouvir o que o outro lado diz, mesmo que com o intuito de desinformar, do que não ter informação alguma?

Desde então, as informações que chegam por meio de agências oficiais de notícias europeias é que a Ucrânia está em vias de derrotar a Rússia e que o conflito não se estenderá. Contudo, o dia a dia e a realidade, teimando em se imporem, contestam tais alegações, tendo a Rússia, de acordo com o

próprio Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, já ocupado cerca de 20% do território ucraniano em pouco mais de 100 dias de batalhas (VOA NEWS, 2022). Tais informações são evidências de que calar a imprensa, mesmo em contexto de guerra, não são maneiras adequadas de compreender conflitos. Isso porque o trabalho dos profissionais do jornalismo é essencial e possibilita mais uma chance de aprofundamento e entendimento do contexto histórico para que sejam melhor compreendidos pelo público. Definitivamente, calar veículos de imprensa não parece ser um ato democrático, por isso o Conselho Europeu pode ter agido de maneira autoritária indo, justamente, contra os princípios que regem as democracias europeias.

No entanto, é importante ter em conta o que diz Josephi (2012, p. 480): “[...] a democracia não é uma pré-condição para o jornalismo” sendo assim, “[...] em vez de impor um sistema político como principal referencial do jornalismo, os jornalistas e seu trabalho deveriam ser usados para avaliar as realizações do jornalismo”. Logo, seria muita inocência pressupor que, em países democráticos, a cobertura jornalística e os meios de comunicação atuam de maneira isenta ou que sofrem pouca interferência, pois a realidade não é essa (CURRAN, 2011).

A política moderna é uma política amplamente mediada, experimentada pela grande maioria dos cidadãos de uma só vez, por meio de sua mídia impressa e de transmissão de escolha. Qualquer estudo da democracia nas condições contemporâneas é, portanto, também um estudo de como a mídia relata e interpreta eventos e questões políticas;

de como eles facilitam os esforços dos políticos para persuadir seus eleitores da correção de políticas e programas; de como eles próprios (ou seja, equipe editorial, administração e proprietários) influenciam o processo político e moldam a opinião pública. O processo político, em sua manifestação pública, atinge os cidadãos como produto de um conjunto de códigos e práticas jornalísticas (o sistema predominante de valores-notícia, estilos de entrevista, diretrizes de imparcialidade e objetividade), que interagem e são moldados pelos políticos e seus profissionais. assessores de comunicação à medida que negociam o acesso ou procuram influenciar a produção da mídia política de maneira favorável a si mesmos. Os relatos da realidade política fornecidos pela mídia são construções complexas que incorporam o trabalho comunicativo de ambos os grupos, que idealmente devem, mas nem sempre precisam atender aos padrões de precisão e objetividade da informação esperados da comunicação política em uma democracia liberal. (MCNAIR, 2012, p. 1).

Por isso, ao se discutir o papel dos meios de comunicação e do jornalismo no duplo padrão da cobertura feita na guerra na Ucrânia, há uma convocação para que se transite entre o ideal e o real. O jornalismo ideal, isento, *in loco*, com profissionais que relatam os fatos sem dar opinião e que esteja comprometido com a verdade é, de fato, apenas um sonho ideal. A realidade é que existem jogos de poder, interesses, verdades inconvenientes e mentiras oportunas que também obedecem à lógica de mercado em que os meios de comunicação e o jornalismo são ferramentas, conforme afirmou McNair (2012), mas há também a

necessidade de se tentar perceber os outros papéis jornalísticos que são desempenhados nas sociedades modernas ocidentais (HANITZSCH; VOS, 2016).

Limitações

Relevante salientar que este artigo é uma revisão narrativa e não uma revisão sistemática. Isso significa que a metodologia utilizada não foi definida antes de iniciar a seleção das notícias, vídeos e artigos. Os recursos midiáticos selecionados ficaram por conta do autor, por isso é importante colocar que a revisão realizada reflete, em grande parte, o ponto de vista do pesquisador ainda que não tenha conflitos nenhuns de interesse em relação ao tema abordado. Além disso, entre as limitações desse tipo de metodologia está, como referem Atallah e Castro que “essa revisão poderá ser, e provavelmente o será, incompleta, não reproduzível, imprecisa e, portanto, cientificamente inconclusiva” (ATALLAH; CASTRO, 1997, p. 22).

Contudo, apesar das limitações, este trabalho cumpre um papel importante: colocar em discussão a maneira como os meios de comunicação social fazem a cobertura da guerra entre a Rússia e a Ucrânia e como as escolhas realizadas pelos profissionais de comunicação atuam na formação da opinião pública. Sem contar que invoca uma análise sobre a forma como os refugiados são tratados e como o país de origem pode e, na maioria das vezes, é determinante para que os recém-chegados tenham um recomeço de vida mais ou menos

complicado. Portanto, cumpre o que Rother (2007, p. 5) afirma ser o objetivo dos artigos de revisão narrativa, pois eles “[...] são publicações amplas, apropriadas para discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual”. Ainda para a autora, os artigos de revisão narrativa “constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor” (ROTHER, 2007, p. 5).

Para finalizar, é pertinente afirmar que, diferente do que ocorre em uma revisão sistemática, não houve a intenção de agrupar publicações relacionadas à guerra entre a Rússia e a Ucrânia, sobre a percepção de cidadãos europeus em torno dos refugiados ucranianos e na relação da formação da opinião pública e impactos na sociedade sobre este conflito especificamente de maneira a compilar e analisar resultados de outros estudos feitos em diferentes momentos e locais. Sabe-se que cumprir tais requisitos daria a oportunidade de suscitar evidências científicas em relação aos meios de comunicação e o seu papel social, porém a literatura sobre o conflito iniciado em 2022 na Europa ainda é reduzida, fato que dificulta a realização de uma revisão sistemática mais criteriosa e fundamentada. Por isso, proceder com uma revisão narrativa se mostrou a melhor decisão para este trabalho.

Considerações finais

Nos últimos anos, a Europa vem passando por sucessivas crises migratórias e,

ainda que seus líderes políticos sejam exímios em vender uma imagem para o resto do mundo de que são excelentes em resolver problemas, a realidade mostra que eles pouco ou nada conseguem fazer em relação aos milhões de refugiados que enxergam nos países do continente um “El Dorado”. Isso aconteceu em 2015, e segue ocorrendo, pois, infelizmente, as soluções simples para problemas complexos continuam não surtindo efeito, quando o assunto é crise migratória.

É fato que os meios de comunicação também se alimentam da geração de conteúdo e venda de espaços publicitários do sofrimento humano. Não sem motivo, os canais de notícias, por exemplo, repetem exaustivamente imagens cujas pessoas passam por dificuldades, seja com as guerras ou deslocamentos forçados, seja com a pandemia e todas as consequências que dela surgiram. Qualquer pessoa que assista a um telejornal consegue ver que a base da programação é a angústia, a preocupação e o padecimento de seres humanos em um ciclo sem fim. Isso, claro, tem impactos significativos na formação da opinião pública e, conseqüentemente, nas políticas que são impostas por governos que, por enquanto, não se mostram eficientes na Europa para combater problemas graves.

Há um duplo padrão na cobertura jornalística da guerra na Ucrânia, mas isso se repete de forma sistemática conflito após conflito. No caso dos meios de comunicação ocidentais, a evidência se dá justamente na forma como os jornalistas e profissionais da imprensa se referem aos cidadãos ucranianos que deixam o país. Além disso, também é possível perceber que a sociedade civil, os governos e empresas

também atuam de maneira a alimentar um duplo padrão em termos de acolhimento e recepção, sugerindo, dessa forma, que os “refugiados europeus” são melhores ou mais bem-vindos do que aqueles que chegam de países do Oriente Médio, África ou Ásia.

Aqui a problemática da formação da opinião pública e do papel dos meios de comunicação na sociedade não podem ser deixados de lado. É claro que com veículos de informação repetindo, minuto após minuto, o que de um lado é bom e do outro é ruim, evitando aprofundar contextos, falando muito sobre uma pequena quantidade de temas e deixando de lado, até mesmo silenciando, pessoas e assuntos que poderiam elucidar os motivos para que a guerra se iniciasse, dificulta o público e a audiência a entenderem o que acontece nos bastidores do conflito.

Porém, apesar deste artigo ser por vezes rigoroso e tecer críticas duras ao jornalismo e ao papel dos profissionais de comunicação, é necessário perceber que isso se dá, sobretudo, por conta da maneira como os meios de comunicação estão realizando o seu trabalho na cobertura do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, cujo duplo padrão passa a ser mais facilmente percebido. Sem contar que isso permite que as audiências despertem, de alguma forma, para compreender o que está sendo silenciado quando algo é demasiado evidenciado. Enquanto o foco está nos atores políticos do conflito, as populações continuam em segundo plano e as consequências sociais e econômicas permanecem ocupando o espaço de protagonismo na agenda dos *media*, ainda que, justiça seja feita, com a inflação na zona do euro mais alta das últimas décadas, o tema ganhe, a cada dia, mais tempo de antena.

Compreender e dialogar sobre o papel dos meios de comunicação, apontar suas responsabilidades e falhas é fundamental, pois, somente assim a sociedade terá a possibilidade de desenvolver um senso crítico e perceber o quão danoso pode ser a adoção de um duplo padrão. É na adoção do duplo padrão que estereótipos podem ser reificados, que a valoração da vida humana se evidencia. Dessa maneira, é plausível dizer que os cidadãos ucranianos são preferidos em relação a outros refugiados, tanto em termos políticos, quanto midiáticos por, talvez, cumprirem os requisitos que a Psicologia Social tão bem explica e tentamos, embora brevemente, apontar os motivos para isso. Trazer o problema para o debate é relevante, ainda que desconfortável para muitos, e a ideia central deste trabalho só será alcançada se causar algum incômodo no leitor.■

[CLÁUDIO ABDO]

Investigador associado ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho (Braga/Portugal). Doutor em Estudos de Comunicação pelas Universidades do Minho (UM), da Beira Interior (UBI), Universidade Lusófona de Lisboa e Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Mestre (UMinho) e especialista em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica (PR) Brasil.
E-mail: claudioabdo@gmail.com

Referências

AMEJA - THE ARAB AND MIDDLE EASTERN JOURNALISTS ASSOCIATION. **The Arab and Middle Eastern Journalists Association (Ameja) Statement In Response to Coverage of The Ukraine Crisis**. New York: AMEJA, 2022. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/56f442fc5f43a6ecc531a9f5/t/621bd07b3dbc3174ca6a24ee/1645990011746/AMEJA+Statement+in+response+to+Ukraine+Coverage-2.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ATALLAH, Nagib Alvaro; CASTRO, Aldemar Araujo. Revisões sistemáticas da literatura e metanálise: a melhor forma de evidência para tomada de decisão em saúde e a maneira mais rápida de atualização terapêutica. **Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 12-15, 1997.

ATKINSON, Mary. VIDEO: Greek Coastguard Allegedly Pierces Dinghy Packed With Refugees. **Middle East Eye**, London, 22 nov. 2016. News. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/video-greek-coastguard-allegedly-pierces-dinghy-packed-refugees>. Acesso em: 19 maio. 2022.

BACZYNSKA, Gabriela; LEDWITH, Sara. How Europe Built Fences to Keep People Out. **Reuters**, Brussels, 4 abr. 2016. Article. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-fences-insight-idUSKCN0X10U7>. Acesso em: 13 maio. 2022.

BBC. **How many Ukrainian Refugees Are There and Where Have They Gone?** London, 6 jul. 2022. News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-60555472>. Acesso em: 6 jul. 2022.

CHRISAFIS, Angelique. European Leaders Discuss Refugee Crisis at Tense Brussels Summit, **The Guardian**, London, 25 out. 2015. World. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/oct/25/european-leaders-discuss-refugee-crisis-at-tense-brussels-summit>. Acesso em: 12 maio. 2022.

CLARKE, Rachel. Refugee Crisis: What Happened In 2015 and What's Ahead, **CNN**, Atlanta, 22 dez. 2015. Europe. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/12/22/europe/refugee-crisis-what-happened-whats-next/index.html>. Acesso em 10 maio. 2022.

CURRAN, James. **Media and Democracy**. Routledge: London, 2011.

D'AGATA, Charlie; VIGLIOTTI, Jonathan. Germany, Austria Welcome Migrants With Open Arms. **CBS**, New York, 5 set. 2015. News. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/germany-austria-welcome-migrants-with-open-arms/>. Acesso em: 4 maio. 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

DUNN, Elizabeth Cullen. **The Failure of Refugee Camps**, Boston Review, Boston, 28 set. 2015. Article. Disponível em: <https://bostonreview.net/articles/elizabeth-dunn-failure-refugee-camps/>. Acesso em: 10 maio. 2022.

DW. **Greece Deports Migrants to Turkey, Thousands Stranded on Balkan Route**. Berlin, 10 mar. 2016. News. Disponível em: <https://www.dw.com/en/greece-deports-migrants-to-turkey-thousands-stranded-on-balkan-route/a-19109936>. Acesso em: 17 maio. 2022.

ELMASRY, Mohamad Hamas; EL-NAWAWY, Mohammed. The Value of Muslim and Non-Muslim Life: A Comparative Content Analysis of Elite American Newspaper Coverage of Terrorism Victims. **Journalism**, London, v. 23, n. 2, p. 533–51, 2020.

EUROPEAN COMMISSION. **Ukraine: €3.4 Billion REACT-EU Pre-Financing to Member States Welcoming Refugees Fleeing Ukraine**. Brussels, 23 fev. 2022. Disponível em: https://ec.europa.eu/regional_policy/en/newsroom/news/2022/03/23-03-2022-ukraine-eur3-4-billion-react-eu-pre-financing-to-member-states-welcoming-refugees-fleeing-ukraine. Acesso em: 5 abr. 2022.

EUROPEAN COUNCIL. **EU Imposes Sanctions on State-Owned Outlets RT/Russia Today and Sputnik’s Broadcasting in the EU**. Brussels, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2022/03/02/eu-imposes-sanctions-on-state-owned-outlets-rt-russia-today-and-sputnik-s-broadcasting-in-the-eu/>. Acesso em: 6 jun. 2022.

FESTINGER, Leon Theory of Social Comparison Processes. **Human Relations**, London, v. 7, n. 2, p. 117–140, 1954.

GARCIA-MARQUES, Leonel.; FERREIRA, Mario Boto; GARRIDO, Margarida Vaz. Processos de influência social. In: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (ed.). **Psicologia Social**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

HANITZSCH, Thomas.; VOS, Tim. Journalism beyond democracy: A new look into journalistic roles in political and everyday life. **Journalism**, London, v. 19, n. 2, p. 146-164, 2016.

HANNAN, Daniel. Vladimir Putin’s Monstrous Invasion Is An Attack On Civilization Itself. **The Telegraph**, London, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2022/02/26/vladimir-putins-monstrous-invasion-attack-civilisation/>. Acesso em: 6 abr. 2022.

HANUSCH, Folker. Valuing the Close to Us: A Comparison of German and Australian Quality Newspapers' Reporting of Death in Foreign News. **Journalism Studies**, Wien, v. 9, n. 3, p. 341-356, 2008.

JONES, Dorian. Turkey Becoming Major Hub For Human Smuggling. **VOA NEWS**, Washington, DC, 9 jan. 2015. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/turkey-becoming-major-hub-for-human-smuggling/2591811.html>. Acesso em: 19 maio. 2022.

JOSEPHI, Beate. How Much Democracy does Journalism Need? **Journalism: Theory, Practice and Criticism**, London, v. 14, n. 4, p. 474-489, 2012.

KINGLSEY, Patrick. Refugees Enter Croatia From Serbia After Hungary Blocks Border. **The Guardian**, London, 16 set. 2015. World. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/16/refugees-enter-croatia-from-serbia-after-hungary-blocks-border>. Acesso em: 18 maio. 2022.

LEYENS, Jacques Philippe; YZERBYT, Vicent. **Psicologia Social**. Lisboa: Mardaga, 1999. v. 70.

MCNAIR, Brian. **Journalism and Democracy: An Evaluation of the Political Public Sphere**. Routledge: London, 2012.

NOWTHIS NEWS. **Hypocritical Media Coverage of Ukraine vs. The Middle East**, New York: Vox Media, 2022. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal: NowThis News. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2z9UyPurVok>. Acesso em: 10 maio. 2022.

OAKES, Penelope; HASLAM, Alexander; TURNER, John. **Stereotyping and Social Reality**. Oxford: Blackwell, 1994.

RANKIN, Jennifer. Eu-Turkey Deal to Return Refugees From Greece Comes Into Force. **The Guardian**, London, 20 mar. 2016. World. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/mar/18/refugees-will-be-sent-back-across-aegean-in-eu-turkey-deal>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Editorial: Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.

SANTORO, Emilio. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 15-30, 2014.

SCHENGENVISAINFO. **Lithuania Exempts From Language Requirements Ukrainian Refugees Wishing to Get Employed**. Brussels, 5 abr. 2022a. Disponível em: <https://>

www.schengenvisainfo.com/news/lithuania-exempts-from-language-requirements-ukrainian-refugees-wishing-to-get-employed/. Acesso em: 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Germany Allows Ukrainian Refugees to Study Without a School Completion Certificate**, Brussels, 26 abr. 2022b. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/germany-allows-ukrainian-refugees-to-study-without-a-school-completion-certificate/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Norway Recognizes Driving Licenses of Ukrainian Refugees for 1 Year**, Brussels, 25 abr. 2022c. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/norway-recognises-driving-licences-of-ukrainian-refugees-for-1-year/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Finland: Ukrainian Refugees Can Start Work Immediately After Applying for Temporary Protection**, Brussels, 12 abr. 2022d. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/finland-ukrainian-refugees-can-start-work-immediately-after-applying-for-temporary-protection/>. Acesso em 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Germany to Evict Existing Afghan Refugees for Clearing Out Accommodation Centers for Arriving Ukrainians**, Brussels, 22 abr. 2022e. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/germany-to-evict-existing-afghan-refugees-for-clearing-out-accommodation-centres-for-arriving-ukrainians/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Germany Plans to Limit Admission Numbers of Refugees From Afghanistan**, Brussels, 6 maio. 2022f. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/germany-plans-to-limit-admission-numbers-of-refugees-from-afghanistan/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

SCHENGENVISAINFO. **Belgium Facilitates Access to Banking Services for Ukrainian Refugees**, Brussels, 16 maio. 2022g. Disponível em: <https://www.schengenvisainfo.com/news/belgium-facilitates-access-to-banking-services-for-ukrainian-refugees/>. Acesso em: 7 maio. 2022.

SMITH, Helena. Shocking Images of Drowned Syrian Boy Show Tragic Plight of Refugees. **The Guardian**, London, 2 set. 2015. World. Disponível em: www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees. Acesso em: 19 maio. 2022.

SWISSINFO. **Swiss Finalise Decision on ‘S permit’ for Ukrainian Refugees**. Bern, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/eng/swiss-finalise-decision-on-s-status-for-ukrainian-refugees/47424088>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

TAJFEL, Henri. La catégorisation sociale. In: MOSCOVICI, Serge (ed.). **Introduction à la Psychologie Sociale**. Paris: Larousse Université, 1972.

THE BRUSSELS TIMES. **Germany, Austria Announce Free Train Transport for Ukrainian Refugees**. Brussels, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://www.brusselstimes.com/208563/germany-austria-announce-free-train-transport-for-ukrainian-refugees>. Acesso em 17 maio. 2022.

VOA NEWS. **Zelenskyy: Russia Occupying 20% of Ukrainian Territory**. Washington, DC, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/zelenskyy-russia-occupies-20-of-ukrainian-territory-/6600127.html>. Acesso em: 6 jun. 2022.